

DISCURSO DE RECEPÇÃO

Fausto José Leitão Domingues

Instituição: Instituto Histórico e Geográfico do R. G. do Sul

Local: Sede do Instituto, à rua Riachuelo, 1317 -3º andar

Data: 1º de dezembro de 2012, às 17,00 horas

Recipiendário: Dr. EDUARDO ALVARES DE SOUZA SOARES

No início desta saudação, tão grata, honrosa e significativa, eu asseverarei às senhoras e aos senhores que o **Peitoral de Cambará**, lá no final do século XIX e até meados do século passado, era considerado o melhor remédio para o tratamento das tosses, rouquidão, bronquites, asma e coqueluches. Certamente, poucos entenderão a afirmativa e eu poderei ser acusado de insanidade mental. No entanto e apesar da situação de risco, digo mais: nos casos de moléstias da pele, sífilis, reumatismo, impurezas do sangue, uma colher de **Luesol**, depurativo e tônico, representava um passo decisivo para a cura certa. E, se o problema era de origem estomacal, com azia, náuseas e mal-estar, após as refeições, a providência aconselhável era usar as conhecidas **Pastilhas da Vida**. Para um ferimento, torcedura, contusões, hemorragia ou infecção, nada melhor, naquela época, que a **Radiolina** ou **Maravilha do Lar**. E, para quem tivesse maior curiosidade e ânsia de conhecimento sobre a cura de males e enfermidades comuns no dia-a-dia de cada pessoa, de criança a velho, naqueles longínquos tempos, recomendava-se a leitura dos úteis ensinamentos contidos no **Auxiliar Homeopático**, ou no **O Novo Médico**, ou no **Médico de Casa**. Poderia citar aqui e agora, mais de uma centena de medicamentos específicos que, em harmonia com o clima, com os costumes e com a constituição orgânica de cada um, apontavam a solução para as várias moléstias que atormentavam a população na época mencionada. Não estou so-

frendo de qualquer insânia e nem acometido de excessos imaginativos. O responsável pela criação, produção e distribuição daquela panacéia curativa, de comprovada eficácia, era o português *José Alvares de Souza Soares*, patriarca de uma das famílias mais tradicionais e representativas do sul do Estado. Nascido em 1846, em Vairão, Portugal, na Vila do Conde, aportou em Rio Grande e chegou a Pelotas por volta de 1873. Estabeleceu-se com farmácia (a 3ª farmácia ali existente) e com laboratório de produtos homeopáticos, seguindo os velhos preceitos de Samuel Hahnemann. Tão grande era a popularidade do principal medicamento produzido que o seu estabelecimento farmacêutico viria a ser conhecido como Fábrica do Peitoral de Cambará. Espírito empreendedor e progressista, o Visconde de Souza Soares, comprovando o decisivo aporte lusitano ao desenvolvimento daquele recanto sulino, em 1883, inaugurava o **Parque Pelotense**, ou **Parque Souza Soares**, em terreno de sua propriedade, com 60 hectares, localizado no atual Bairro Fragata. Além da fábrica e laboratório, aquela grande extensão de terreno transformou-se em agradável ponto de atração turística, de lazer e entretenimento, com escola, capela, carpintaria, restaurante, lagos, cascatas, bosques, uma linha férrea e uma bem montada estrutura gráfica. Dali saíram, com esmerada feição, livros, panfletos, almanaques, cartazes, reclames, revistas e, segundo consta, até a edição inaugural do poemeto “Antonio Chimango”, de Ramiro Fortes de Barcellos.

O nosso recipiendário, doutor **Eduardo Alvares de Souza Soares**, descendente, em linha reta e direta daquele benemérito genearca, nasceu em Pelotas, trazendo de berço o nome respeitável e esta larga e inegável tradição familiar. Tradição e nome que soube dignificar em cada passo da sua existência. Fez seus primeiros estudos na terra natal. Completou o curso de jornalismo da Universidade Católica de Pelotas e colou grau em ciências jurídicas e sociais na quase centenária Faculdade de Direito daquela cidade. Especializado em Direito Processual, exerceu e exerce a advocacia, atuando, com invulgar dedicação e brilho, nas comarcas da zona sul do Estado. O zelo e o respeito pela profissão levaram-no a participar do Tribunal de Ética e Disciplina da

Seccional do Rio Grande do Sul da Ordem dos Advogados do Brasil e, ainda há pouco, assistimos à homenagem que esta Seccional lhe prestou, outorgando-lhe a significativa Comenda Osvaldo Vergara. Sua atividade profissional, não o inibiu, todavia, de voltar-se para as pesquisas e estudos históricos. Radicado na hospitaleira Jaguarão, terra que o acolhe como filho adotivo e como um dos seus mais eminentes cidadãos, buscou conhecer, em profundidade, as origens da sua história, da sua gente e das suas instituições. Pertence ao quadro associativo do Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão, tendo sido seu presidente, no período de 1980 a 1982. Além de artigos em revistas, produziu diversas obras de cunho histórico. Assim, em 2003, reuniu em livro um conjunto expressivo de suas crônicas sobre a *Santa Casa de Caridade de Jaguarão*. Já no ano seguinte, alicerçado nas fontes documentais da própria instituição, escreveu *Um Século de Beneficência*, livro comemorativo ao centenário da Associação Beneficente Coronel Augusto César de Leivas e do sesquicentenário de nascimento do seu fundador. A *Ponte Internacional Mauá*, levantada em cumprimento ao Tratado de 1918 e que foi inaugurada em dezembro de 1930, sobre o Rio Jaguarão, possibilitando, naquelas paragens, um trânsito tranqüilo entre o Brasil e o Uruguai, mereceu do Doutor Eduardo um brilhante e meticuloso estudo. Reuniu em livro, em 2007, numa esmerada edição da Editora da Universidade Católica de Pelotas, seus artigos publicados n' *A Folha*, jornal jaguareense, fundado por Cantalício Resem, e que testemunha, com sua reportagem atenta, a história moderna daquela comunidade. Com o doutor Sérgio da Costa Franco, historiador consagrado e um dos ilustres filhos da terra, organizou aquele *Olhares sobre Jaguarão*, onde o admirável trabalho de recolta permitiu que se conhecesse a impressão de forasteiros e conterrâneos sobre os costumes, a história, as curiosidades e a própria vida cotidiana da comunidade. Interessante e original foi a sua descoberta daquela comédia-drama de autoria de Francisco Lobo da Costa, inspirada na invasão dos "blancos" uruguaios em Jaguarão, em 27 de janeiro de 1865, em que despontou a bravura heróica do coronel Manoel Pereira Vargas. Também vasculhou, nas páginas de velhos jornais jaguarenses, as passagens do vate

pelotense por Jaguarão e suas inveteradas aventuras românticas. Foram muitos e inestimáveis os aportes culturais do nosso homenageado à sua terra adotiva. Quando achei que havia repassado, ainda que de forma muito superficial, a totalidade da sua produção bibliográfica, eis que me surpreendo com uma nova publicação da maior relevância, versando sobre a Igreja Matriz do Divino Espírito Santo, aquela mesma da praça central que, com suas torres e campanários, parece, em sua imponência, estar abençoando toda uma coletividade.

Inequivocamente, Doutor **Eduardo**, o seu contributo essencial às letras históricas de Jaguarão inscreve seu nome entre aqueles grandes historiadores municipais que, em vários torrões do Rio Grande do Sul, com depoimentos sérios e isentos, ajudaram a construir a nossa história geral. Com a sua inesgotável disposição para a pesquisa, com um cérebro privilegiado para a busca do passado, para a investigação em papéis velhos e poeirentos arquivos, certamente dispensaria o uso da **fortificina**, um dos medicamentos específicos recomendado pelo seu nobre bisavô em casos de fraqueza mental, desânimo, etc.

Seja bem-vindo a esta instituição onde, encarando o presente, preocupamo-nos em desvendar e esclarecer episódios e fatos pretéritos. Traga-nos o seu desprendimento, a sua criatividade e a sua inteligência

que estará concorrendo, de forma muito positiva, para a consecução dos nossos fins e objetivos. Sinta-se em casa!